

Delfim Sardo, 2008

NÃO VER

AS IMAGENS INACESSÍVEIS DE ANA VIEIRA

«Há quem faça imagens para mostrar alguma coisa, ou para esconder alguma coisa. Ana Vieira faz imagens para colocar qualquer coisa fora do alcance da nossa visão – o que não quer dizer exactamente que seja para as esconder. É para que, não estando acessíveis, se insinuem na nossa mente, formem um espaço, façam sentir o vazio e o interdito que as coloca fora do alcance.

Na série *Close-up* as imagens fotográficas, impressas nas costas de painéis pintados de branco, só nos deixa acessível a superfície monocromática branca, a pintura levada ao seu grau mais radical e transformada em parede. Entre os painéis brancos e a parede real da galeria há um espaço onde existem espelhos que reflectem segmentos da fotografia. Como por uma porta entreaberta vemos alguma coisa mas nunca a imagem fotográfica na sua totalidade: a nossa necessidade *voyeurística* nunca é satisfeita.

Ver tudo é sempre uma impossibilidade – quer para as relações humanas, para o nosso desejo de conhecimento, para o nosso desejo *tout court*. Aquilo que Ana Vieira faz é despoletar, pela invisibilidade, a compulsão perversa da visão total e a consequente evidência da decepção. A imagem (que é sempre a de um espaço doméstico) assim devolvida, funciona como uma metáfora da inacessibilidade do outro, do carácter fugidio da nossa compreensão da própria alteridade.

É esta dimensão, ligada ao desejo, ao narcisismo e à antevisão do que pressupomos ser o outro que tem vindo, nos últimos 40 anos, a enformar o trabalho de Ana Vieira – seja na escultura, na instalação ou no vídeo.

Em qualquer dos casos, como nestes *close up* demasiado próximos e inacessíveis, é sobre a nossa impossível saciedade de ver que as suas imagens recônditas exercem o seu superior poder.»

Expresso, Revista Única, 13-12-2008

Delfim Sardo, *Olhar o Vento, Obras da Colecção BESArt* contadas por Delfim Sardo, Lisboa, Babel, 2010

Catálogo *Ana Vieira - Muros de Abrigo / Shelter Walls*; Ponta Delgada [Açores], Museu Carlos Machado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 205-206 (org. Paulo Pires do Vale)
